

OLHARES DOCENTES

Primeiras impressões: despindo-se de pré-conceitos e vestindo a roupagem do desconhecido¹

Júlia Hartmann das Chagas

Licenciada em Letras – Português / Francês (UFRGS)



Escritora ruandesa Scholastique Mukasonga. Foto: Divulgação

Naturalmente, ao se deparar com narrativas desconhecidas, costumamos realizar uma leitura que carrega a bagagem discursiva que adquirimos até o momento. Tal movimento implica na compreensão do que é lido através de moldes já conhecidos: é o caso do leitor que escolhe se aventurar pelas literaturas do continente africano.

Partindo da perspectiva de entendimento do sistema literário proposta por Antonio Candido, temos, de referência, a ideia de que para existir sistema, é necessário o encontro de três partes – o escritor, o livro e o público. Dessa forma,

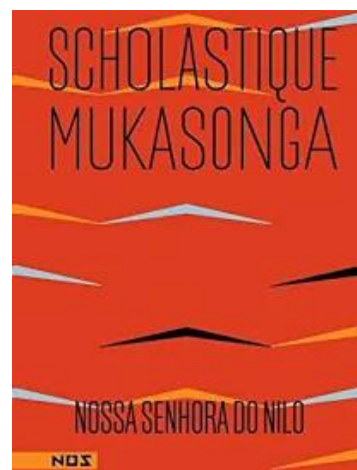
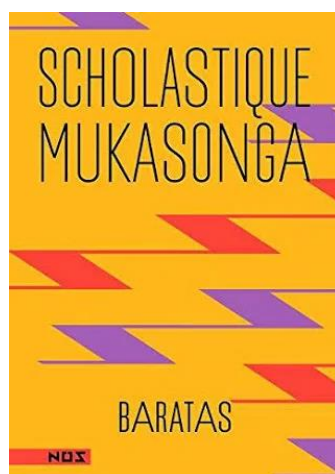
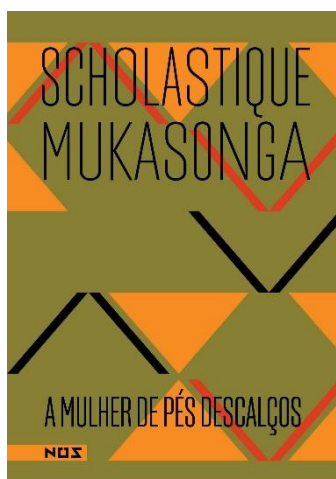
¹ Texto produzido no âmbito do Curso Vozes Femininas nas Literaturas Africanas de Língua Francesa, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

pode-se conceber a errada ideia de que, qualquer acontecimento fora dessa demarcação não deva ser considerado como sistema literário e, portanto, literatura. De maneira bastante simplificada, o principal fator para corroborar esse desentendimento é a estranheza que a literatura oral causa em culturas pautadas pela literatura escrita: ora, se não há texto, não há literatura?

Em seu artigo “O conto, a novela e o presente na literatura africana francófona”, Fernanda Machado ressalta que devido a primazia da oralidade e à escassez de fontes escritas, até a segunda metade do século XX a África subsaariana era vista no Ocidente como um espaço sem tradições culturais e literárias (MACHADO, 2016). Existe, de maneira geral, uma incompreensão das realidades africanas, assim como da organização das suas sociedades orais, nas quais a tradição literária costuma ser passada de geração em geração através da figura dos/das griôs: geralmente anciões ou anciãs da comunidade, conhecidos por possuírem variados talentos e serem conhecedores de histórias.

A chave de mudança para uma literatura concebida em padrões “tradicionais” – aqui, leia-se nos moldes europeus – ocorreu devido a uma motivação forçada por parte das mudanças que os povos colonizados sofreram com a interferência europeia em suas culturas. Deste modo, desde o início, o fazer literário escrito no continente africano pautou-se em um movimento de adaptação e preservação da cultura.

Um exemplo bastante marcante deste movimento forçado que transcreve a literatura africana é a obra da escritora ruandesa Scholastique Mukasonga, a qual encontrou, através da escrita, uma maneira de resgatar a história de sua família e de seu povo, os *tutsis*, massacrados no genocídio ruandês de 1994. Em entrevistas, Mukasonga costuma afirmar que ela realiza uma *écriture par devoir de mémoire* (escrita pelo dever da memória), uma vez que ela nunca teve a chance de se despedir de seus entes queridos e, muito menos, poder enterrar os corpos.



Em suas narrativas, Mukasonga evoca a voz de sua mãe, Stefania, e conta ao seu leitor sobre o desejo da mãe em ter o corpo coberto quando morta. O processo de escrita de Mukasonga, desta maneira, funciona como uma espécie de véu simbólico, que encerra e guarda a memória. Outro aspecto importante

sobre a inscrição de Mukasonga nesse sistema, é a maneira como ela ressignifica a figura griô, ao criar um processo narrativo de conservação da memória da família *tutsi*: no nono capítulo de “*A mulher de pés descalços*”, intitulado *O País das Histórias*, tem-se como o ato de contar histórias constitui elemento importante da relação de uma mãe com seus filhos, o que nos faz recordar como não foi à toa a persistência de Stefania em construir seu *inzu*, reduto sagrado de cultura, identidade e ancestralidade, porque era nele que havia o fogo que nunca se apagava e se contavam histórias (RODRIGUES, 2018), conforme a tradição oral da literatura africana.

Dessa forma, em um jogo dialético entre desaparecimento e conservação dos traços, Mukasonga insere uma dupla memória em sua obra: o desejo de preservar os traços do passado e a manutenção da promessa implícita de ser guardião da memória da família, da memória de sua mãe (AZARIAN apud RODRIGUES, 2018). Solidificando, desta forma, a forçada configuração do sistema literário dos povos colonizados na África e, por fim, ressignificando a importância da figura materna/feminina como detentora das tradições.

Referências

EPAMINONDAS, P. F. *Obstinação, memória e escrevi(sentir)vência em “A Mulher de Pés Descalços”, de Scholastique Mukasonga*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Letras – Português e Espanhol, UFRPE, p. 01-30, ago. 2018.

MACHADO, F. M. *O conto, a novela e o presente na literatura africana francófona*. Revista África(s), v. 03, n. 05, p. 07-23, jan/jun, 2016.

RODRIGUES, A. C. *Prelúdio a um genocídio: memória, rumor e teor testemunhal na narrativa de Scholastique Mukasonga*. Caligrama, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 63-82, 2018.